

CINEMA/PREMIAÇÃO

Filme mineiro é o grande vencedor do Festival de Goiás

Documentário "Sumidouro" leva o troféu de Melhor Longa

PAULO HENRIQUE SILVA (*)
REPÓRTER

CIDADE DE GOIÁS - Uma hora depois de seu documentário "Sumidouro" receber o troféu Carmo Bernardes de Melhor Longa-Metragem do 10º Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), o diretor mineiro Cris Azzi ainda não sabia da premiação. Do lado de fora da tenda que abrigou a solenidade, na manhã de sábado, o produtor André Carrera tentava, insistentemente, falar com o cineasta, sem sucesso. "Ele está em São Paulo, trabalhando como assistente de direção de Roberto Moreira" - justificava Carrera.

A correria marca um ano importante para a produtora Camisa Listrada, que agora colhe os frutos de seu esforço para manter produção regular num Estado que, historicamente, vive de espasmos.

Assim como outros trabalhos da produtora, "Sumidouro" promete ter longa carreira. O filme se insere numa excelente safra de documentários mineiros que vem chamando atenção por sua carga poética e experimental, extraída de personagens anônimos e de temas que envolvem o desaparecimento e a marginalização. Outros exemplos são "Aboio", de Marília Rocha, "Andarilho", de Cao Guimarães, e "Descaminhos", trabalho coletivo assinado por oito realizadores. É apenas o começo do que pode vir a ser um dos capítulos mais férteis da nossa cinematografia.

A premiação na cidade de Goiás, num dos três mais importantes programas do mundo dedicados ao meio ambiente, é a primeira de "Sumidouro", lançado em abril no Festival É Tudo Verdade, em São Paulo. "Embora não seja um filme que busque falar do meio ambiente, esse tema aparece na relação dos personagens com o rio e o lugar onde filmamos", salienta Carrera.

O rio e o lugar, por sinal, não existem mais. O documentário trata justamente da extinção provocada pelo alagamento de uma região do Vale do Jequitinhonha, por causa da criação da Usina de Irapé, inaugurada em 2006. A população, antes ribeirinha, é deslocada para a beira de uma estrada. De maneira rica e co-movente, a produção analisa os efeitos da mudança na relação dos moradores com a terra.

"O filme foi viabilizado a partir de grande esforço pessoal do Cris Azzi que, durante cinco anos, abriu mão de muita coisa para acompanhar todos os acontecimentos. Foi um processo muito difícil em que, às vezes, ele se deslocava por mais de 500 quilômetros, avisado pelos moradores de que a mudança iria ocorrer, e nada acontecia", observa Carrera.

A demora resulta num curta-metragem prematuro, finalizado para atender aos prazos do Ministério da Cultura, que destinou R\$ 50 mil através de concurso. "A situação exigia mais tempo do que estava previsto no cronograma, devido aos atrasos da

obra. Mesmo com o curta pronto, continuamos filmando, porque achamos que o trabalho de documentação ainda não tinha chegado ao fim; era preciso registrar a nova vida dos moradores".

Curta e longa foram realizados com apenas R\$ 130 mil, completados com verba da Lei Estadual de Incentivo à Cultura, valor que não representa nem 5% de algumas produções do eixo Rio-São Paulo. Os R\$ 17 mil que o documentário receberá do Fica (seriam R\$ 35 mil, mas o prêmio foi dividido com o grego "Delta, o Jogo Sujo do Petróleo") servirão para investimentos em divulgação e, principalmente, para exibição especial nas comunidades deslocadas do Vale do Jequitinhonha.

A projeção regular nas salas de cinema é outro problema. "O filme não é comercial e vamos buscar difusões mais alternativas", adianta Carrera, que apresentará o documentário em festivais no exterior a partir do segundo semestre.

Outros premiados do festival são "Jaglavak, o Príncipe dos Insetos" (França), de Jérôme Raynaud, eleito como Melhor Obra; "Veludo Vermelho" (França), de Klaus Reisinger, Prêmio Especial do Júri; "Batista na Floresta" (Inglaterra/Brasil), de Adrian Cowell, Melhor Média-Metragem, e "Zona de Diluição Fluvial", de Antoine Boutet, prêmio de Melhor Curta. ●

(*) O repórter Paulo Henrique Silva viajou a convite da organização do Festival.



O produtor André Carrera, de "Sumidouro", recebe o prêmio das mãos do diretor Wladimir Carvalho

Águas passadas

CINEMA

Em cena, a rima da migração forçada - da vida ao vazio, do rio à beira da estrada

PAULO HENRIQUE SILVA
REPÓRTER

Sumidouro tem vários significados. O mais simples é servir como sinônimo de escoadouro, sintetizando o principal objetivo da Usina Hidrelétrica de Irapé, no Vale do Jequitinhonha, inaugurada em 2006, implicando no remanejamento de mais de 700 famílias residentes em uma área de 137 quilômetros quadrados. Entre as muitas coisas que agora estão submersas num reservatório com capacidade para gerar 390 megawatts de energia, há a história de comunidades que deixam de ser vizinhas do rio Jequitinhonha para se fixar na beira de estrada. Por isso, o significado mais complexo de sumidouro, "lugar onde desaparecem muitas coisas", é também o mais apropriado ao documentário dirigido pelo mineiro Cris Azzi, um dos sete concorrentes da 13ª edição do Festival É Tudo Verdade, que começa dia 26, em São Paulo.

O filme "Sumidouro" registra os últimos anos de 42 localidades, acompanhando os primeiros migrantes, a adaptação às novas terras e o alagamento da região. Azzi escolhe dois protagonistas, com idade acima de 80 anos,

para estabelecer uma ironia: com o passado levado embora pelas águas, eles não têm perspectivas para o futuro neste recomeço.

"Faço um paralelo entre a migração forçada e a história de nascimento e morte de um ciclo. O filme fala de mudança sem viés político ou ambiental, focando mais na riqueza dos personagens", registra o diretor.

O longa-metragem é a segunda e mais completa etapa de um projeto iniciado em 2003, quando Azzi toma contato com as fotografias de João Castilho, Pedro Motta e Pedro David, intituladas "Paisagem Submersa" e que, em breve, serão reunidas em livro. "Fiquei completamente apaixonado pelos olhares daqueles personagens. Dois dias depois, estava no Vale do Jequitinhonha".

O primeiro resultado é a realização de um curta-metragem, lançado em 2007 e com o mesmo título. "O curta compreende apenas dois anos e meio de filmagens, até o momento em que a população começa a chegar às novas casas; não mostra a região sendo alagada e o funcionamento da usina", explica Azzi. "Mesmo quando estava finalizando o curta, continuei filmando; acho que 'Sumidouro' encontra no longa o seu formato ideal, devido ao volume de informações; tem o tempo certo para cada coi-

sa, com a beleza de cada personagem", considera o cineasta, que terminou a pós-produção do longa no último final de semana.

"Foram quatro anos de minha vida dedicados ao projeto; comecei com 25 anos e hoje tenho 30; a gente se transforma muito neste meio tempo, e o documentário reflete isso, através de escolhas que também vão se transformando ao longo da narrativa", pondera. "O filme começa com um registro mais jornalístico e vai ganhando força poética, se afastando da oralidade e da linguagem mais tradicional; as imagens passam a dizer por si, isso também tem a ver com o processo de intimidade com os personagens".

Para "ser honesto com o processo", Cris Azzi mantém, na edição, a pegada jornalística do início da filmagem. "Ela permanece por causa do frescor dos primeiros contatos e também para que as informações sejam logo estabelecidas, para termos um entendimento do todo", afirma.

O realizador não sabe dizer se "Sumidouro" tem alguma proximidade com o recente movimento de documentários poéticos produzidos em Minas Gerais. "Deixo para vocês (*jornalistas*) responderem. O que posso dizer é que o filme tem a minha identidade".

O longa conta com momentos fortes, co-

mo a seqüência em que exhibe as casas dos personagens invadidas pelas águas. "Consegui chegar ao local depois de duas horas num barco a remo; entramos numa delas, navegando pelos cômodos, e depois fizemos o mesmo percurso dos personagens quando andavam pela cidade", destaca.

Não é a primeira vez que se aborda a questão da migração forçada por conta do alagamento de terras. O russo "Enorme é o Mar ou... A Hora de Juntar Pedras", exibido em 2007, na nona edição do Fica, em Goiás Velho (GO), mostra o choque provocado pela construção da represa de Rybinsk.

"Sumidouro" também enfoca os problemas culturais criados pela Usina de Irapé, como a perda de raízes e a mudança do ambiente geográfico, com o rompimento da ligação com o Jequitinhonha, mas o filme não esconde o outro lado da questão. "A contradição é mais forte do que a gente imagina. Uma parte ficou satisfeita com a mudança, porque agora têm maior infra-estrutura à disposição, como escolas e hospitais", revela Azzi.

O diretor assina também um dos episódios do longa de ficção "5 Frações de uma Quase História", previsto para chegar em maio às telas de Belo Horizonte. ●

DIVULGAÇÃO



O diretor Cris Azzi e moradora da região alagada em favor da usina de Irapé: "A contradição é mais forte do que a gente imagina"

Filme mineiro é exibido no É Tudo Verdade

“Sumidouro”, longa de Cris Azzi, registra os últimos momentos de duas comunidades ribeirinhas inundadas por hidrelétricas

MARCELO MIRANDA

O registro do fim de duas comunidades ribeirinhas marca o primeiro trabalho em longa-metragem do mineiro Cris Azzi. E foi com “Sumidouro” que Azzi emplacou como único representante do Estado entre os 30 trabalhos brasileiros selecionados para a 13ª edição do É Tudo Verdade – Festival Internacional de Documentários que será realizado em São Paulo e Rio entre março e abril. Na categoria de longas e médias, ele disputa com outros seis trabalhos. “É uma honra estar nessa mostra competitiva junto com gente como Eduardo Escorel, que montou ‘Macunaíma’ e ‘Terra em Transe’”, exalta Azzi, em referência ao diretor de “O Tempo e o Lugar”, também escolhido. “Só de estar participando é uma grande premiação.”

“Sumidouro” surgiu a partir do contato de Azzi com os fotógrafos João Castilho, Pedro David e Pedro Motta, autores de um projeto de livro denominado “Paisagem Submersa”. São fotos de diversos grupos de moradores do Vale do Jequitinhonha que precisaram deixar suas casas e suas terras por conta da inundação para a construção de hidrelétricas. “Fiquei muito impressionado com as imagens daquelas pessoas e, dois dias depois de ver as fotografias,

viajei para o lugar”, relebra Cris Azzi.

Neste primeiro momento, em meados de 2003, ele percorreu aproximadamente 20 das 42 comunidades às margens de rios na região. Depois de ganhar um prêmio do Ministério da Cultura para curta-metragem, Azzi fez novas viagens ao longo dos dois anos seguintes. Escolheu duas comunidades para filmar – Bom Jesus do Jequitinhonha (ou Peixe Cru, como é conhecida), município de Turmalina e com 120 moradores; e Porto dos Coris, pertencente a Leme do Prado e com 89 habitantes. “Foi uma escolha relacionada a pessoas interessantes que encontrei e também pela força regionalista presente nesses dois lugares, especialmente em relação às questões religiosas”, diz o diretor.

“Sumidouro” nasceu, portanto, como curta-metragem, exibido e premiado em diversos festivais. Porém, Azzi sentiu-se compelido a retornar às comunidades e filmar os últimos momentos daqueles tristes moradores no seu local de origem. “Antes de ser um filme, é uma forma de guardar as imagens de lá para gerações futuras, um objeto audiovisual para ter função de guardar o que foram essas comunidades”, comenta Azzi. “Eles precisaram abrir mão do rio como espaço de pesca, lavagem de roupa e garimpo para reaprender a sobreviverem em áreas perto de estradas.”



O diretor Cris Azzi vai ao É Tudo Verdade com "Surríduo": filme mostra moradores do norte de Minas às voltas com seus últimos dias em cidades à beira do rio; projeto nasceu como curta-metragem e agora virou um longa